

Subárea: 7.08.04 - Educação / Ensino-aprendizagem

A PERSPECTIVA DOS JOVENS SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS NO CONTEXTO DE ENSINO/APRENDIZAGEM.

Tamirys Silva Domingues¹, Eloisa da Silva Xavier¹, Sérgio Luiz A. da Rocha², Patrícia Oliveira de Freitas³

1. Estudante do Curso de Serviço Social da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

2. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

3. Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Resumo

Há uma íntima relação entre a cultura do livro, a identidade da instituição escolar e as suas práticas: a linearidade do texto impresso, a associação entre o domínio da leitura e da escrita e o desenvolvimento das etapas do processo cognitivo e o modelo mecânico e unidirecional de leitura. Entretanto, assistimos ao surgimento de diferentes suportes tecnológicos e da cultura digital que afetaram distintas esferas da vida social, incluindo a escola e os processos por ela levados à efeito. Computadores, *smartphones*, *tablets* e *notebooks* passam a dividir espaço com o livro, difundindo novos meios de leitura e escrita. Eles permitem maior interatividade, acesso em tempo real, proporcionando expansão do acesso à informação e dos modos de comunicação. Apresentamos aqui uma reflexão sobre as alterações dos processos de construção do conhecimento relacionados às demandas escolares, a partir dos dados do projeto de pesquisa “Jovens, tecnologias e suas relações com a Escola”.

Autorização legal: Aprovada pela Comissão de Ética da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, protocolo Nº. 899/17, em atendimento ao pedido feito através do processo 23083.007243/2017-58.

Palavras-chave: Juventude; Escola; Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação.

Apoio financeiro: CNPq

Introdução

Pensar sobre a escola, em seu modelo atual, é refletir sobre sua indissociabilidade com a cultura do livro e sua consequente relação com a hipervalorização do modelo letrado e linear de comunicação, estabelecido com o surgimento da imprensa. Ao livro associou-se, historicamente, o papel de difusor do conhecimento e do saber, tornando-se o eixo central das práticas de ensino-aprendizagem.

Entretanto, com o advento de novas tecnologias digitais ocorreram modificações na interação social, transformando a forma pela qual os sujeitos sociais se relacionam e ampliando os horizontes da comunicação. Neste sentido, a promoção de uma comunicação instantânea e descentralizada, somada à desterritorialização dos espaços, acaba por consolidar um novo modelo ubíquo de se conectar, interagir e pensar a sociedade (SANTAELLA, 2013).

As redes móveis disponibilizam acesso a uma infinidade de informações e permitem que os jovens das áreas urbanas se mantenham *on line*, possibilitando uma comunicação constante mesmo que os interlocutores estejam fisicamente distantes. Uma intensificação de uma das características da modernidade que se refere à separação entre o tempo e o espaço, o que produz um estímulo das “(...) relações com outros ausentes, localmente distantes de qualquer situação dada de interação face a face” (GUIDDENS, 1991, p 29).

Os novos suportes estão na escola e a relação entre a cultura letrada e a cultura virtual torna-se um desafio à educação, na medida em que deslocam a prática letrada a partir do impresso como alicerce central e exclusivo do ambiente educacional. A instauração, portanto, desta nova configuração de ensino-aprendizagem proporciona um ecossistema comunicativo, em que, simbioticamente, o livro se combina com a utilização de *smartphones*, *tablets*, *notebooks* e outros suportes digitais.

Nossos jovens estão usando as tecnologias digitais de comunicação e informação para dar conta das demandas que a escola lhes faz? Se não estão, por quê? Se estiverem usando, como?

Essas são algumas questões de nossa pesquisa que analisa as relações dos jovens com o processo de ensino-aprendizagem escolar, mediadas pelos usos das denominadas novas tecnologias de comunicação e informação, identificando as alterações produzidas na sua relação com os conteúdos escolares.

Metodologia

Para o desenvolvimento da dimensão teórico-metodológica e sua fundamentação partimos de três conjuntos de abordagens: a História Cultural, tendo Roger Chartier (1998) como um de seus representantes, os Estudos Culturais Latino Americanos, representado pelas obras de Jesus Martín-Barbero (2004; 2014), Nestor Canclini (2008) e Orozco Gomez (2009) e os estudos do cotidiano, a partir da obra de Michel de Certeau (2004).

A primeira abordagem trata da reflexão sobre a historicidade do livro, que possuiu diferentes formas ao longo da história, ampliando a concepção daquilo que se considera leitura. A segunda, os Estudos Culturais Latino Americanos, nos permite refletir sobre a complexidade das relações entre as diferentes mídias no contexto de surgimento de novos artefatos comunicacionais. Estes novos artefatos não substituem os que já existiam, mas os ressignifica e complementam, constituindo um ecossistema comunicativo. Já os estudos do cotidiano acentuam um princípio metodológico de fundamental importância que é o da necessidade de, na prática da

pesquisa, ouvirmos o que os sujeitos têm a dizer sobre as suas práticas. É o entendimento dos contextos e significados de ação que permitem que não sejam elaborados pré-julgamentos baseados em suposições e não nas práticas efetivas levadas à efeito pelos sujeitos.

Na primeira fase foram aplicados 60 (sessenta) questionários em três escolas selecionadas no projeto: o Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia (IFRJ, Campus Rio de Janeiro), Colégio Estadual Presidente Dutra e o Colégio Técnico da UFRRJ (CTUR), ambos situados no município de Seropédica.

Além das questões mais gerais sobre a identificação dos sujeitos da pesquisa o questionário abordava dados referentes aos suportes tecnológicos usados pelos alunos, aplicativos mais usados, conteúdo consumido, em que situações usavam aplicativos para realizar tarefas escolares, entre outras.

A escolha de três escolas de diferentes redes se faz em função de analisarmos as possíveis diferenças entre os usos dos alunos. Sarlo (2013), ao criticar a ideia de que o uso da tecnologia produz uma espécie de universalidade de usos, comenta que, no que diz respeito aos videogames, falamos de um público predominantemente masculino, relativizando o “otimismo tecnológico” (SARLO, 2013, p.146) que postula um processo homogêneo e mecânico na relação dos jovens com as tecnologias. Ao mesmo tempo, nos possibilita também criticar uma visão da juventude como um grupo homogêneo (DAYRELL, 2011).

Na etapa posterior da pesquisa foram realizadas entrevistas com 3 grupos de 12 jovens de cada uma das escolas a partir de um roteiro semi-estruturado. Neste texto apresentaremos apenas os resultados da primeira etapa da pesquisa.

Resultados e Discussão

Na primeira fase, os questionários evidenciaram que a incorporação dos novos suportes tecnológicos frente à realidade acadêmica se relaciona com aspectos socioeconômicos, em suas mais variadas vertentes. Não só a realidade cultural, social e econômica da escola incide sob o uso, mas, também, a realidade social dos jovens que compõem a instituição escolar.

Notou-se significativa disparidade na posse de artefatos tecnológicos entre os estudantes dos colégios técnicos da rede federal (IFRJ e CTUR) e os estudantes do DUTRA. Estudantes da rede estadual possuem menor posse de celulares, televisões, Apple TV, tablets, máquinas fotográficas e leitores digitais para o uso no cotidiano e/ou em suas residências, além de residirem em famílias maiores, o que restringe ainda mais as possibilidades de uso individual.

Em relação ao pacote de dados e conta de celular, no IFRJ, mais estudantes possuem pacotes de dados e com maior duração durante o mês, bem como mais estudantes possuem plano pós-pago. O pacote de dados permite o acesso à internet e à informação digital de forma desterritorializada e instantânea, o que, por conseguinte, facilita os meios de aquisição do saber. Ou seja, não se faz necessário estar em um ambiente tal como a casa ou a escola para acessar informação acadêmica em plataformas digitais, para interagir com demais estudantes virtualmente, possibilitando a troca de aprendizado e informação (SANTAELLA, 2013).

Em relação às redes sem fio na escola, os alunos do CTUR majoritariamente possuem acesso à rede, enquanto, em contrapartida, os estudantes do DUTRA majoritariamente não possuem acesso à rede sem fio. No IFRJ, embora muitos possuam acesso à rede, parte considerável também alega não saber sua existência. Em parte, isso pode estar relacionado à falta de necessidade de conexão por rede sem fio, já que muitos possuem pacote de dados com boa duração e, portanto, não veem o Wi-fi como uma figura essencial para o acesso móvel à internet.

Os dados sobre o acesso à internet por rede sem fio na escola são particularmente interessantes pois permitem analisar de que maneira a escola tem ou não incorporado, institucionalmente, os novos suportes no cotidiano e na prática escolar.

A restrição do acesso via Wi-fi na escola torna-se um obstáculo para a efetivação e valorização da cultura digital, o que reforça uma dicotomia entre a cultura letrada e digital. O fato de os estudantes serem proibidos – por questões estruturais/financeiras, ideológicas/morais ou legais – de acessar a internet na escola não os proíbe e nem os afasta da internet em seus respectivos cotidianos.

Tendo em vista que, noutros espaços e instituições, os suportes tecnológicos são utilizados com a finalidade acadêmica e educacional, ao não se permitir que o conteúdo e a informação originários desses suportes circulem pelo espaço escolar, cria-se uma barreira para o conhecimento e informação oriunda desses meios virtuais, o que inviabiliza o papel mediador da escola neste processo (ROCHA e FREITAS, 2017; 2018).

Dentre as tecnologias de posse dos jovens e/ou de suas famílias, três se destacam pela utilidade para o estudo em ambiente externo à escola: celular, notebook e PC (desktop).

O uso destas tecnologias permite que os jovens participem e se integrem, dinamicamente, à cibercultura, possibilitando o acesso à informação que é disponibilizada virtualmente. E não somente isto pois ainda possibilita a troca de conteúdo – inclusive entre estudantes – favorecendo um modelo de aprendizagem mais ativa e horizontal (CANCLINI, 2008).

O acesso a esses suportes, portanto, ao transformar o meio de aquisição e reflexão do saber, transformam o papel do livro e do professor, não os substituindo ou questionando a sua necessidade, mas propondo uma ressignificação de suas atribuições e objetivos na prática educacional.

Analisando o aspecto dos softwares, as novas plataformas permitem uma infinidade de usos de aplicativos que se fazem cada vez mais presentes. Os alunos das três escolas utilizam, de modo mais expressivo, o WhatsApp, Facebook, YouTube, Snapchat e Instagram. Entretanto, a análise detalhada dos dados indica especificidades nos usos relativos a cada realidade escolar.

O YouTube é muito usado pelos jovens de ambas as escolas federais, enquanto os alunos do DUTRA

pouco acessam a plataforma. Em contrapartida, o Snapchat figura, atrás apenas do Facebook, como a plataforma mais utilizada pelos estudantes estaduais. Já no IFRJ e CTUR a sua utilização não é tão expressiva. O Twitter, amplamente utilizado pelos estudantes do DUTRA e CTUR, pouco é utilizado pelos estudantes do IFRJ.

Os dados não apresentam um modelo único e genérico de jovem, mas uma pluralidade de jovens e juventudes que se interconectam através de uma gama de tecnologias e suportes, sem que esta conexão, porém, ofusque suas diferentes vivências, experiências e modos de interagir, bem como suas diferentes realidades culturais e sociais.

No que se refere aos aplicativos mais utilizados para o estudo percebe-se uma outra realidade em que emergem novas ferramentas de produtividade, tais quais Google Docs, Drive e navegadores, em detrimento do uso de aplicativos cotidianos não utilizados para fins acadêmicos, como Snapchat e Instagram. Este dado reflete a seletividade do uso que há, por parte dos estudantes, das diferentes plataformas digitais (MILLER, 2016).

Assim, entender o aparelho pelo qual o jovem se conecta (smartphone, notebook, PC, tablet) não é suficiente para analisar suas atividades em rede, já que estes suportes permitem uma gama de diferentes usos para diferentes finalidades. A dimensão do uso assinalada por Certeau (2004) é aqui essencial.

Sendo o espaço virtual também um ambiente com potencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas, dificuldades ou restrições do acesso à esta cibercultura incidem sob o processo formativo cognitivo. Pode-se, assim, criar um descompasso entre aquilo que se aprende, tradicionalmente, por meio da escola puramente letrada, e aquilo que se apresenta nos espaços socioculturais vivenciados pelo estudante, carregados de influência tecnológica, trazendo a possibilidade do sujeito sem ou com poucas experiências virtuais ser colocado à margem no processo de socialização.

Os jovens apresentaram diferentes modos de lidar com a tecnologia, sendo poucos os que a renegam como instrumento para a prática acadêmica. Neste sentido, percebe-se que, individualmente, adaptam a variedade de usos possíveis para a consolidação do uso à maneira que melhor lhes convém, a partir de suas diferentes realidades.

Também é possível encontrar representações sobre as dificuldades oriundas do uso das tecnologias na sua relação com o as práticas escolares. As notificações do celular, por exemplo, são vistas como um empecilho para a concentração no seu uso como suporte para o estudo, uma vez que o uso multifuncional da ferramenta desvia constantemente o foco das práticas acadêmicas.

No âmbito familiar, a tecnologia é avaliada muitas vezes de modo negativo, a partir de uma visão moralizadora, pois muitos pais se recusam a acreditar que a utilização de smartphones, tablets e afins possa servir para o estudo. E, esta premissa, não se verifica apenas nos núcleos domésticos, mas, na própria vivência escolar, inclusive por parte de professores que, por vezes, empenham-se em dificultar essa complementariedade entre o virtual e o letrado.

Sobre as práticas pedagógicas, os jovens criticaram a incorporação acrítica da tecnologia nos espaços escolares, representadas em especial pela perpetuação dos moldes escolares tradicionais que se sobrepõem junto às novas tecnologias. Ou seja, a lousa se transforma em projetor de transparência, que se transforma em slide – sem que, entretanto, a matriz expositiva e conteudista seja reformada para um novo modelo de aprendizagem mais ativa e conceitualmente mais próxima da nova realidade pedagógica.

Nesta perspectiva, os jovens também pontuam obstáculos no que diz respeito ao encontro da harmonia entre digital e letrado, tendo de buscar agir com parcimônia frente aos possíveis vícios que a tecnologia pode trazer.

Conclusões

O avanço da “Era Digital” não implica na subalternação e obsolescência da função do livro como ferramenta de ensino. Os suportes tecnológicos, a depender dos modos de uso, podem potencializar as práticas educativas. Os estudantes utilizam os meios digitais para acessar conteúdos relativos às práticas escolares, o que aponta para mudanças elementares nas práticas de ensino-aprendizado, ressignificando a atuação do professor e da escola. Urge, portanto, a necessidade da instituição escolar discutir e debater a influência dos suportes tecnológicos na formação da subjetividade e da instrução acadêmica dos jovens.

Foi possível perceber que os jovens consideram prejudicial que os instrumentos tecnológicos sejam incorporados acriticamente por eles próprios em sua rotina ou pela escola em sua esfera acadêmica. Trata-se, portanto, de uma demanda para aprender a aprender, hoje pouco explorada pelas instituições escolares, em sua atual conformação de ensino, e cada vez mais necessária para estabelecer a consonância entre aquilo que se vive e experimenta na rede, extracurricularmente, com aquilo que se pratica no espaço escolar.

Assim sendo, o entrosamento entre possibilidade, conveniência, conforto e criatividade criam, para cada jovem, uma experiência única de uso destes suportes e navegação pelas mídias digitais, o que personifica e individualiza as formas de ensino-aprendizagem. Esta nova realidade de aprender conflita, em parte, com o modelo escolar vigente de uma aprendizagem coletiva, homogênea sistematizada e despersonalizada.

Torna-se, portanto, um desafio à prática pedagógica conciliar os novos meios heterogêneos de acesso à informação e construção do saber com a realidade vigente na instituição escolar, buscando solidificar a construção de um ecossistema híbrido que permita a integração e recombinação entre a cultura letrada e a cultura virtual, visando potencializar as práticas de ensino-aprendizagem.

A experiência com os jovens evidenciou a necessidade de ouvi-los no que tange ao uso da tecnologia e o papel desta no ambiente escolar. Muito tem se discutido a respeito deste assunto na última década, mas sem levar em consideração o que pensam os principais atores deste cenário, os jovens.

Referências bibliográficas

- CANCLINI, N.G. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1 – as artes de fazer**. 10 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- DAYRELL, J., Moreira, M.I.C., Stengel, M (Orgs.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.
- GUIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- MARTIN-BABERO, J. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004.
- _____. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MILLER, D. **Social Media in a English Village**. Or How to Keep People at Just the Right Distance. London: UCL PRESS, 2016 DOI 10.124324/111.9781910634431.
- GÓMEZ, G.O. Entre Telas: Novos papéis comunicativos das audiências. In: BARBOSA, M.; FERNADES, M. ; MORAIS, O. J. (Orgs.). **Comunicação, educação e cultura na era digital**. São Paulo: INTERCOM, 2009. p. 167-181.
- ROCHA, S.L.A. e FREITAS, P.O. Os Jovens, as Tecnologias e as suas Relações com o Universo Escolar: Primeiras Aproximações. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, XL, 2017, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2017. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018
- _____. Novas tecnologias e a escola: modificações nos padrões de escolarização. In: Congresso da Asociación Latinoamericana de Sociología – ALAS, XXXI, 2017, Montevideo. **Actas...** Montevideo: ALAS, 2017b.
- SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna**. 5ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulos, 2004.
- _____. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Papyrus, 2013.